



ARTIGO DO
CURSO DE FILOSOFIA OCULTA

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO & IDEIA DE MAIORAL

DA SÉRIE: O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO



CIPRIANO O MAGO
Autor: Romario Romis

O desejo de se comunicar com os espíritos é mais antigo que a história; relacionado com princípios indelévels da natureza humana [...] e as tentativas de satisfazer esse desejo geralmente tomam uma forma que traz um grande ultraje a razão. [...] A constância da reiteração [da conjuração] feita com frequência aumenta sua autoridade e poder, e acomete o terror nos espíritos, submetendo-os a obediência. [...] No Egito, na Índia e na Grécia, não se lidava com diabos como no cristianismo; Typhon, Juggernaut e Hécate não eram divindades inferiores, mas sim deuses absolutos, e o ofício de Canídia era em sua maneira tão sagrado como os pacíficos mistérios de Ceres.¹

O espírito assentado deixa de ser um mero «falangeiro» e torna-se um Mestre pessoal, responsável pelo desenvolvimento do adepto. [...] Um adepto não precisa ter muitas «linhas» para se desenvolver e sim, um único e grandioso Mestre que corra todos os Reinos e o ampare em sua jornada.²

Nas mais antigas versões de histórias sobre espíritos familiares, nós somos orientados a não ouvi-los e segui-los cegamente, mas ao invés disso, a estabelecer uma *relação* com os espíritos, o que nos ajuda, com suas orientações, a estabelecer nosso compasso interno.³

A história da magia no Ocidente é em grande medida uma história focada na intervenção dos espíritos e dispositivos [mágicos]. A maior parte de nossos registros históricos, dos grimórios a estudos acadêmicos modernos, examina um tipo de magia que é operado abaixo do nível do adepto. Aqui encontramos o mago estabelecido com lamens, anéis, sigilos e livros; seu corpo adornado com vestimenta [cerimonial], ferramentas e toda uma parafernália que possibilita a intervenção dos espíritos. Cada um desses dispositivos é uma lição da arte. Quando criados pelo mago e trazidos a vida por meio do contato com os espíritos podem se tornar poderosos artefatos com laços autênticos com os espíritos. [...] Se nós começarmos a traçar o registro histórico da tradição ocidental de magia ritual até os antigos reinos da Grécia, Caldeia ou Egito, rapidamente perceberemos que o poder do mago reside na sua versatilidade e capacidade de se comunicar com uma quantidade variada de criaturas espirituais. [...] A magia que ele opera é mais um ato de mediação do que de desempenho próprio. Seja mediando anjos, demônios ou deidades, o antigo ritual de magia requer uma criatura espiritual trabalhando em função do mago no reino [da geração]. [...] O mago e suas ferramentas nesse contexto são meros portais das forças que passam através deles.⁴

Nos anos recentes a magia mudou. Nós tivemos uma explosão de publicações de textos tradicionais da magia europeia. Muitos magistas tiveram acesso a tradições vivas da magia. Nós vimos as tradições mágicas que foram obscurecidas pela tradição moderna [da magia]. Com essa consciência nós nos descobrimos em um mundo vivo repleto de espíritos; espíritos que têm vivido poderosamente, seres independentes que dão vida, dinamismo e poder a magia.⁵

Não há dúvida de que existem os espíritos Bons e Maus; e que estão em relacionamento com os homens; não há dúvida de que os ditos espíritos estão dotados de uma inteligência soberana, posto que a própria religião lhes dá o poder de

¹ Arthur Edward Waite, O LIVRO DA MAGIA NEGRA E DOS PACTOS. Via Sestra, 2018. *Os colchetes são meus.*

² Danilo Coppini, QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA. Via Sestra, 2019.

³ Maja D'Aoust, FAMILIARS IN WITCHCRAFT. Destiny Books, 2019.

⁴ Frater Acher, CYPRIAN OF ANTIOCH. Quereia Publishing, 2017. *Os colchetes são meus.*

⁵ BJ Swain, LIVING SPIRITS: A GUIDE TO MAGIC IN A WORLD OF SPIRITS. Publicação do autor, 2018. *Os colchetes são meus.*

tentar-nos, de induzirmos ao bem e ao mal; logo, se por meio da Magia pode o homem pôr-se em relação com estes espíritos, esse homem logrará alcançar a suprema sabedoria.⁶

Hécate, a deusa grega da feitiçaria, além de ser associada as encruzilhadas, matas selvagens, espaços limiares, também está conectada aos fantasmas, espíritos infernais e a necromancia. [...] A diabolização da necromancia eventualmente levou-a a ser renomeada para *nigromancia* (divinação negra), posteriormente classificada como *magia negra* ou *arte negra*. Isso transformou a percepção da arte, tornando-a sombria e relacionada ao diabo. [...] Quando animais são sacrificados [cerimonialmente] [...] está prática atrai e alimenta os espíritos dos mortos, que vêm beber o fluido da vida. [...] A arte da necromancia inclui o trabalho com ancestrais, trabalho onírico, convocação de sombras, comunicação com espíritos, e todas essas práticas combinadas para divinação, magia e feitiços.⁷

A Magia é a arte de submeter às potências da natureza à vontade humana. Entre essas potências há as entidades invisíveis, espíritos, gênios e demônios evocados mediante fórmulas, orações, encantamentos, talismãs, pantáculos, filtros e outros agentes naturais.⁸

Qualquer definição acurada sobre magia deve envolver conceitos como os de outros mundos, espíritos, *daimones* e deuses, porque essa é a premissa pela qual muitos magistas operam.⁹

Cipriano deveria, em princípio, ser entendido como um guia para aquela experiência maravilhosa quando o feiticeiro finalmente alcança o conhecimento e conversação com seu espírito patrono.¹⁰

Deve ser entendido que este [O LIVRO DE SÃO CIPRIANO], diferente de outros grimórios, não é uma relíquia de um distante passado mágico, ele não é um livro antigo e morto que espera para ver a luz novamente através de um devotado magista. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO não se trata de um livro; ele não está localizado no tempo ou no espaço. Como qualquer culto, ordem ou religião viva e ativa, trata-se de um *contínuo*, uma corrente. Ele muda seu conteúdo porque está vivo, porque é praticado e vivido em vários contextos culturais, sociais e geográficos [...] [e] ele constantemente responde as necessidades de seus leitores. Da costa da Catalunha a Algarve, da Ibéria rural ao nordeste do Brasil, dos terreiros de Quimbanda e finalmente até as cidades, ele é em todo o sentido do termo um livro de magia popular, um livro [de magia] para o povo. [...] Ele vive a margem da sociedade, nas sombras, no limiar entre religiosidade e heresia, virtude e vício. Como o próprio Santo, ele vive naquela linha onde Deus e o Diabo se encontram. [...] Mas como um *contínuo*, um ponto parece ser constante em suas edições, todas trazem a narrativa faustina.

[...] Este terceiro período [da tradição cipriânica] não pode ser separado da efervescência mágico-religiosa da atmosfera Sul-americana. Foi ali, num grande cadinho cultural de sangue branco, negro e nativo-americano que as práticas da magia cipriânica foram revitalizadas e desenvolvidas para além dos princípios da

⁶ Jonas Sufurino em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO; veja THESAURUS MAGICUS, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

⁷ Christopher Orapello e Tara-Love Maguire, BESOM, STANG & SWORD: A GUIDE TO TRADITIONAL WITCHCRAFT, THE SIX-FOLD PATH & THE HIDDEN LANDSCAPE. Weiser Books, 2018.

⁸ Antônio Maria Ramalhe, O BREVIÁRIO DE SÃO CIPRIANO. Eco, 2016.

⁹ Stephen Skinner, TECHNIQUES OF GRAECO-EGYPTIAN MAGIC. Golden Hoard Press, 2014.

¹⁰ Humberto Maggi, SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

prática ibérica, afastando-se dos livros originais. Essa nova e impressionante onda de práticas parece estar fazendo seu caminho de retorno a Ibéria e Europa, seja através da imigração ou pelo incrível prestígio e reconhecimento das técnicas mágico-religiosas Sul-americanas, colorindo e revitalizando antigos cultos cipriânicos. Em teoria, devido a seu caráter altamente pragmático, estas novas práticas revitalizadas poderão no futuro uma vez mais cristalizar uma nova ortodoxia cipriânica. Contudo, devido à possibilidade de se estabelecer contato mediúnico com São Cipriano, um constante fluxo de material novo e atualizado é estabelecido, fazendo dele uma corrente viva, como uma vez o foi em um distante passado da Ibéria.¹¹


¹¹ José Leitão, THE BOOK OF ST. CYPRIAN: THE SORCERER'S TREASURE. Hadean Press, 2014.

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO & IDEIA DE MAIORAL



[Nota: texto em resposta a uma indagação feita por um aluno do *Curso de Filosofia Oculta*, que pergunta: *Oi Fernando bom dia. Muito bom seu texto sobre Maioral. Ele me sanou muitas dúvidas. Todas as Quimbandas têm essa mesma visão de Maioral? Gostaria de entender também por que o Baphomet de Levi é a imagem mais adequada para Maioral.*

O *Curso de Filosofia Oculta* é um seminário on-line permanente na internet. Nele estudamos a *tradição da magia* desde seus primórdios até os dias de hoje, buscando encontrar o Fio de Ariadne que subjaz as inúmeras tradições e cultos verdadeiramente mágicos. No CFO fazemos uma imersão na magia, passando pelos cultos de mistérios na Antiguidade a magia brasileira de mão esquerda, a Quimbanda, encontrando traços que conectam o feiticeiro de hoje com o feiticeiro do passado.]

 o artigo anterior ficou clara a ideia de que o Diabo como o conhecemos foi a *inspiração* por trás da iconografia clássica de Maioral na Quimbanda. Eliphas Levi em sua obra *DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA*, que influenciou profundamente o pensamento mágico de Aluizio Fontenelle na década de cinquenta, concebeu o *glifo* de Baphomet imortalizado como o Diabo a partir das lâminas do tarot, os Atus de Tahuti e a feitiçaria popular europeia. A obra de Fontenelle de 1951, *EXU*, foi a inspiração para a formação do Culto de Exu ou inúmeros grupos de Quimbanda nos últimos cinquenta anos. Como vimos, Fontenelle estabelece uma conexão direta entre os Exus e Pombagiras com os demônios do *GRIMORIUM VERUM*, um grimório (manual de feitiçaria) demonológico do Séc. XVIII. Além disso, ele associou Maioral não apenas a ideia escatológica cristã de Diabo, o *anjo caído*, mas aos três chefes da hierarquia infernal e ao Baphomet de Levi. É muito interessante sua exposição porque ela esbarra, certo momento, de verdade no arcano oculto dessa questão:

Sua majestade «Lúcifer» ou Exu-Rei é o dono e Senhor das Trevas. Considerado por sua falange como o «Absoluto», é quem domina o reino da terra, [...] apresentando-se com três denominativos que são: Lúcifer, Beelzebuth e Aschtaroth, Exu-Rei faz assim se apresentar perante a humanidade inteira, desde os primórdios das civilizações, e que nos atuais dias que ora atravessamos, vai aos poucos se modificando com a evolução e concepção que os espíritas julgam estar correta. [...] Como não poderia deixar de acontecer, na escala hierárquica do povo de Exu, também a mulher deveria representar um papel preponderante; e assim sendo, conhece-se nas leis de Umbanda e Quimbanda, a entidade mulher, que com a denominação de «Exu Pomba Gira», representa a figura que na Lei de Kabala e de acordo com o pantáculo de Lúcifer, está representada como um bode com seios de mulher, possuindo todas as características do Bode do Sabbath – Baphomet de Mendes, representando a arte diabólica da inveja, do ódio, da traição etc.¹²

A imagem de Baphomet torna-se a imagem de Satan/Lúcifer cultuado pelos bruxos em sua ritualística de «Sabbath Negro», onde o deus adorado era o «Bode Negro».¹³

¹² Aluizio Fontenelle, *EXU*. Parzifal Publicações, 2018.

¹³ Danilo Coppini, *QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA*. Via Sestra, 2019.

Fontenelle força bem a barra aqui. Além disso ele repete os mesmos erros de interpretação de Levi. Mas ele, e também Levi, chegam a esbarrar na questão real e objetiva acerca de Baphomet. A imagem construída do Diabo a partir do glifo de Baphomet poderia receber o nome de *legião*, uma vez que é o conjunto híbrido de inúmeros glifos, totems primitivos e símbolos da Grande Creatix, particularmente a deusa fenícia Asherah. A saia ou cinto vermelho na cintura das Sacerdotisas de Quimbanda¹⁴ é uma *assinatura* da Deusa Asherah (*Qutesh*), a deusa-protótipo – de forma romântica e não técnica – de Pombagira¹⁵ nos mistérios antigos. É possível, veja, encontrar conexões entre a feitiçaria da Quimbanda com a feitiçaria dos povos da Antiguidade clássica. Em algumas imagens do Atu XV do Tarot, *O Diabo*, aparece uma espada empunhada que sugere a palmeira, um totem primordial da Grande Deusa.¹⁶ A ninfa e o sátiro nos pés do Diabo espelham as criaturas chifrudas nas mãos da Deusa Asherah, que mais tarde serão substituídas por correntes. Asherah aparece como a Grande Mãe dos Deuses, descrita na versão babilônica da Deusa Ishtar, *Rainha da Noite*. Compare a imagem da deusa e as primeiras versões do Atu XV, *O Diabo* no Tarot de Marselha:



Desde o Séc. XV pelo menos, *O Diabo* tem sido representado como uma criatura andrógena. Decifrar seu simbolismo tem sido uma tarefa muito difícil, porque seu verdadeiro significado foi perdido, mas manteve-se intacto em símbolos. Àqueles versados nos símbo-

¹⁴ Da tradição do *Templo e Terreiro de Quimbanda Cova de Cipriano Feiticeiro*.

¹⁵ *Pombajira, Pombojira, Pambujira, Pombujira, Pombojira, Bombogira, Pombagira* ou *Inzila* (em kimbum-do: *pambu ia-njila*, lit. *encruzilhada*), na mitologia bantu, é a *guardiã dos caminhos, encruzilhadas, bi-furcações e comunicação*. Como guardião das comunidades, tem *assentamento* (local de deposição de coisas ligadas a ele) sempre na entrada das casas. Em algumas casas, há a *Tronqueira de Exu* para seus assentamentos, que pertencem aos filhos da casa. Por vezes é referido por outros nomes (*Aluvaiá, Pambujila, Pombojila, Bombomzila*) conforme os fundamentos da comunidade.

Há diversas manifestações de inúmeras falanges dessas entidades, que costumam auxiliar seus médiuns nos terreiros de Umbanda e Quimbanda, como por exemplo: *Pombagira das Sete Saias, Pombagira Maria de Padilha, Pombagira Rosa dos Ventos, Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas, Pombagira da Calunga, Pombagira das Almas, Pombagira Cigana, Pombagira Maria Mulambo, Pombagira Rosa Vermelha e Pombagira Rosa Caveira*, dentre outras.

As oferendas são inúmeras, sempre acompanhadas de champanhe de boa qualidade e bebidas fortes como o gim, bourbon e, em casos em isolados, aguardente. A elas são oferecidos cigarrilhas e cigarros de filtro branco, rosas vermelhas, sempre em número ímpar, mel, licor de anis (que é uma de suas bebidas preferidas), espelhos, enfeites, joias, bijuterias, batons, perfumes; enfim, todo o aparato que se atribui ao chamado *empoderamento feminino*. Os despachos às Pombagiras são feitos em encruzilhadas em forma de «T», cemitérios, estradas e, em alguns casos, jardins.

¹⁶ Veja a REVISTA SOTHIS No. 11: *Asherah: A Deusa Proibida*, disponível no Clube de Autores. Veja também a crônica *O Pentagrama de Fogo* na mesma publicação.

los conseguem, portanto, acesso ao conhecimento primitivo dos mistérios que envolvem o Atu XV/Baphomet/o Diabo.¹⁷

Dentro dos costumes e tradições da Quimbanda, a grande maioria dos Templos/Terreiros usa uma imagem muito similar à Deusa «Baphomet» para representar o «Imperador Maioral». Essa forma de idolatria também ocorreu por conta do sincretismo religioso ocorrido na formação do culto, principalmente pela grande influência das obras literárias do «mago cristão» Elipas Levi, criador da imagem, [...] um dos responsáveis pela profanação da «Senhora da Terra» e pela propagação de um dos maiores erros no círculo ocultista. [...] «Baphomet», segundo nossos entendimentos, não é a figura panteística do «Absoluto». [...] «Baphomet» é a junção das palavras gregas «Baphe-Metra», que corresponde a «Mãe tingida/sangrenta», a «tintura da Mãe» ou ainda, «o batismo da mãe» onde ocorre o encontro com a face da Deusa Sinistra. O nome, apesar de filosófico, representa o «Grande Útero Negro» que gerou e capacitou forças para guerrear contra a inércia das religiões estigmatizadas.¹⁸

Então Coppini vai muito mais longe na sua busca pelo entendimento de Maioral do que Fontenelle *na formação do culto*. Enquanto este conecta Maioral a imagem grotesca e diabolizada de Baphomet pelos intérpretes crististas, Coppini busca a significação primordial dela e sua tradição de mistérios. Então o Maioral de Fontenelle se baseia em uma ideia estigmatizada de Diabo, sendo essa a ideia que orienta a formação de inúmeros sistemas codificados de Quimbanda. O Maioral de Coppini busca suas raízes no antigo culto a Deusa Primordial, produzindo uma Quimbanda de inclinação tifoniana e luciferiana; ao mesmo tempo, satânica, no sentido de se opor prontamente a toda religião estagnada e amorfa, podadora e limitante, misógina e racista através de uma linguagem sinistra e sombria, de iconografia e filosofia diabólica.¹⁹

Fontenelle associa Maioral aos três chefes da hierarquia infernal elaborada no GRIMORIUM VERUM. Coppini associa Maioral aos Quatro Elementos (e direções no espaço)²⁰ e aos quatro deuses primordiais: Belial (Terra/corpo físico), Leviathan (Água/corpo astral), Beelzebuth (Ar/corpo mental), Lúcifer (Fogo/corpo espiritual), elaborando a ideia de que Maioral habita em todos nós nesses quatro corpos associados aos deuses primordiais, todos agregados harmonicamente no glifo de Baphomet.²¹ O interessante disso é que Coppini expôs, a sua maneira, um dos segredos espirituais da Quimbanda: o trabalho místico e alquímico sobre a alma no Culto de Exu:

Maioral é um grande Portal composto por forças que estão além da compreensão profana. Maioral é a expressão máxima da unificação de todas as culturas e de todos os Reinos, Legiões e Povos da Quimbanda. Maioral, ou o Grande Dragão Negro, é a antítese de todas as religiões que acorrentam e

¹⁷ Na *Árvore da Vida*, *O Diabo* representa a Inteligência (*daimon* ou *śakti*) que conecta Tiphereth e Hod. A Luz Hermética descendente é refratada a partir de Tiphereth, penetrando no Buraco Negro representado por Ayin chegando até Hod, a esfera da mentação concreta. Hod é o depósito de todas as formas que a mente produz e projeta. Tiphereth, por outro lado, é a fonte da luz pela qual essas formas podem ser percebidas (enxergadas) pelos olhos da mente.

¹⁸ Danilo Coppini, *QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA*. Via Sestra, 2019.

¹⁹ Como expus no artigo anterior, o satanismo da Quimbanda é tanto iconográfico quanto filosófico, se opondo e contrariando o *status quo* estabelecido pelas religiões de cultura escravocrata. Nessa perspectiva, de fato, toda Quimbanda é satanista, pois usa da iconografia diabólica e da filosofia do adversário para se opor às religiões estagnadas como cristianismo, judaísmo e islamismo.

²⁰ Os elementos associados as direções do espaço é uma interpretação nova na história da magia, bem recente e não reflete arcanos do passado.

²¹ Nem toda codificação de Quimbanda, no entanto, opera com essa ideia ou conceito de Maioral. Baseada mais na Umbanda do que na Quimbanda, a regência do culto fica a cargo dos Orixás de cabeça de cada médium, suplantando a ideia de *maiorais* como líderes da Quimbanda. Como falei, os Reinos de Quimbanda estão se ampliando e novas ideias têm surgido e, a partir delas, codificações modernas. Eu, particularmente, não me sinto à vontade com uma Quimbanda estruturada ao redor do culto de Umbanda. Na minha concepção particular Quimbanda é Culto de Exu e Vossa Santidade o Chefe Império Maioral é o artífice cósmico dos Reinos de Quimbanda.

submetem os seres humanos aos dogmas comportamentais, ou seja, tudo o que é tido como tabu ou pecado não faz parte dessa energia. Maioral é o buraco negro que suga as lágrimas do medo e transforma-as em energia e vitalidade. Maioral é o grande trono que está na escuridão de nossos subconscientes, habitando nossas «feridas» e traumas. Maioral liberta segundo nossa força de buscar o que está além de nossos sentidos, Maioral é o Reino dos antigos deuses demonizados e vencidos pela cegueira humana, cuja principal função é iluminar a jornada daqueles que se atrevem ajoelhar-se diante sua Luz. Maioral é a força que se rebelou quando o homem foi preso nos invólucros materiais (corpo físico), aquele que deu ao homem o direito de aprender e apreciar as artes, literatura, ciência, dança, como também, a guerra e a destruição. Maioral é a quintessência de muitos seres unificados que lutam para extinguir as formas de aprisionamento da psique humana dos que o buscam, como o ódio, a paixão, a ilusão, a soberba material, a cobiça desenfreada e a luxúria, todavia, alimenta as fornalhas qliphóticas que incendiam a alma dos moribundos cegos e limitados. De tal forma não podemos limitar Maioral apenas a Lúcifer, Beelzebuth e Astaroth como fazem os profanos. Maioral são todos os antigos deuses fundidos na chama de Lúcifer.

Maioral agrupa em sua essência os quatro elementos formadores da estrutura cósmica: O fogo, o ar, a água e a terra, e é o próprio espírito amorfo que faz e destrói a forma dos demais elementos. Maioral é o perturbador do equilíbrio cósmico, gerador de todo movimento que não permite a estagnação e, conseqüentemente, a expansão do Reino da Escravidão. Maioral é a chama que ilumina o caminho. [...] Maioral é a fusão de diversos Deuses e culturas. Um Ser supremo e magnânimo, forjado com liberdade de tempo e espaço, exalando forças e contendo uma Gnose livre de dogmas. Essa força não pode ser nomeada, por tal motivo, apresenta-se como Maioral, ou seja, é a «Cabeça», o chefe que atua como força que tutela o Império e incardina e excardina as almas arrebanhadas conforme a necessidade ao longo das batalhas. [...] Os quatro Maiorais [Belial, Leviathan, Beelzebuth e Lúcifer] são os formadores do Grande Dragão Negro e suas representações, bem como seus poderes estão simbolizados na imagem [de Baphomet].²²

A Quimbanda luciferiana/tifoniana/satânica na codificação de Coppini ganhou uma interpretação mística – além da mágica – distinta das codificações baseadas na obra de Fontenelle, que são essencialmente mágicas e satânicas no aspecto comportamental, mas completamente distantes do trabalho íntimo e alquímico sobre a alma, muito embora, de fato, ele esteja lá, oculto na escuridão.

Dentre as crenças que descrevem as mudanças sutis e drásticas dos estados de consciência destaca-se a Quimbanda Brasileira. Tais mudanças ocorrem principalmente através do constante contato entre os vivos e os Poderosos Mortos os quais nossa Tradição nomina como Exu e Pombagira. A ação desses espíritos, por mais simples que sejam, produz uma alteração progressiva através dos aspectos experimentais e esses fenômenos produzem a quebra da previsibilidade causal e a expansão excepcional da mente dos adeptos.²³

Disso todo feiticeiro-kimbanda pode perceber como é possível operar uma alquimia na alma através do Culto de Exu para transformá-la ou deificá-la na imagem do Bode de Mendes, Baphomet. Este misticismo e essa alquimia no do Culto de Exu é um dos temas fundamentais da obra em preparo *SEGREDOS ESPIRITUAIS DA QUIMBANDA*, onde discorro sobre o trabalho místico na Quimbanda.

Rapidamente: o propósito de uma genuína tradição espiritual é nortear o coroa-mento da vida espiritual de seus adeptos. Na tradição de Quimbanda o feiticeiro almeja deificar sua alma e tornar-se um Exu nas Legiões de Maioral. O *como* fazê-lo é o aspecto místico da Quimbanda, que oferece ferramentas diversas para tal finalidade. A primeira e mais importante, pois é a mais utilizada no culto, é o *conhecimento e conversação* com os Poderosos Mortos. A mediunidade ou paranomalidade desperta como gosto de

²² Danilo Coppini, *QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA*. Via Sestra, 2019.

²³ Danilo Coppini, *VENERANDO OS PODEROSOS MORTOS*.

chamar, amplia a consciência para além dos limites do Ego, o que possibilita o feiticeiro-kimbanda a compartilhar seu *veículo pneumático* (corpo astral ou consciência) com o veículo pneumático dos Exus e Pombagiras. Isso produz uma alquimia na qualidade do veículo pneumático, que recebe as virtudes dos guias espirituais. Essa alquimia, podemos dizer, *concerta* os feiticeiros, que se curam de vícios, têm medos infundados eliminados, tornam-se dinâmicos, criativos e magnéticos, cheios de ímpeto de vida, sede pelo conhecimento e pela sabedoria, o que os torna calmos, pacientes e magicamente frios e calculistas. Nos termos da alquimia tântrica hindu, o *conhecimento e conversação* com os Poderosos Mortos potencialmente *anima a kuṇḍalinī-śakti* que, ao despertar e purificar os *ṣaṭ-cakras*, refina a personalidade e ajusta a conduta dos feiticeiros. Como são pouquíssimos os que buscam este misticismo e alquimia da Quimbanda, trata-se de algo quase que desconhecido e não transmitido.

O yoga e a cultura tântrica oferecem ferramentas seguras que auxiliam o desenvolvimento da mediunidade no Culto de Exu. Adeptos que meditam e se dedicam a práticas psiúrgicas com afinco e disciplina podem ter mais facilidade na incorporação durante as giras de Quimbanda e, na melhor das hipóteses, apresentar uma mediunidade apurada, leve, limpa e sutil durante as incorporações.

Vossa Santidade o Chefe Império dos Reinos da Quimbanda não pode ser mensurado. Falar sobre ele, tentar descrevê-lo, trata-se de uma forma pálida de compreendê-lo. O Silêncio é, quem sabe, a melhor forma de descrever sua grandeza.

Laroyê Exu é Mojuba!

Ζητει Μυστηρια

Fernando de Ligório

Terreiro de Quimbanda Cova de Cipriano Feiticeiro

WhatsApp para consultas apenas: 24 9 9264 7825